

José Carlos Vieira

O conhecimento é *fonte de vida*



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

O conhecimento é
fonte de vida

José Carlos Vieira

O conhecimento é
fonte de vida

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© José Carlos Vieira

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Andrea Bassoto
Capa e diagramação: Claudio Tito Braghini Junior
Imagens: Depositphotos
1ª edição – setembro de 2021

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vieira, José Carlos

O conhecimento é fonte de vida / José Carlos Vieira. --
1. ed. -- São Paulo: Recanto das Letras, 2021.
120 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-7142-089-2

1. Autoajuda 2. Desenvolvimento pessoal I. Título

21-3240

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Autoajuda

Prefácio

Quando conheci o professor José Carlos Vieira, há cerca de 30 anos, criamos uma amizade sincera e de respeito mútuo.

Nesta obra, o professor José Carlos foi muito feliz ao trazer o pensamento de alguns magníficos filósofos que passaram pela história e deixaram legados valiosos para a humanidade deslanchar no caminho do conhecimento. Guia-nos a uma reflexão sobre a necessidade valiosa de boas leituras, pesquisas e busca de verdades nas redes sociais, confrontando fontes de informação fidedignas.

Ao leitor, certamente, será fundamental para que busque lapidar um caráter de justiça e honestidade, sendo esses elementos primordiais na prática de um conhecimento que sempre será útil não só para si, mas para todos que sejam receptivos a ele.

Neste livro, o professor José Carlos Vieira mostra que a busca do conhecimento é um ato de perseverança, determinação, preparação para a vida e doação.

A obra nos apresenta as formas de conhecimento ao longo da História e estimula as pessoas a se afastarem da

José Carlos Vieira

ignorância, a qual é um mal danoso e improdutivo dentro de qualquer coletividade.

E em seu final, apresenta o interessantíssimo diálogo entre o conhecimento e a tecnologia, deixando claro o papel de criador e criatura até a finitude do universo para o homem, mas não para Deus.

Agradeço ao professor José Carlos Vieira a honra de ter escrito este prefácio e parablenizo-o pela clareza de suas ideias e do quanto está colaborando para a geração atual e outras que virão.

Ronan Pereira da Silva
Professor/Historiador

Agradecimentos



Sempre aparecem pessoas de luz que nos impulsionam compartilhando sua sabedoria, levando-nos a pesquisar, ler e, principalmente, buscar a arte do conhecimento.

Dr. Flávio Faria Junqueira, brilhante mestre sanitaria, professor de História, especialista em Política de Gestão em Saúde. Uma sabedoria rara.

Dr. Lázaro Célis Mariosa, professor de vastos conhecimentos na área de História e Geografia, juiz de Direito de Minas Gerais e de uma cultura invejável.

Professor Renan da Silva, um sábio em diversas áreas, mas especificamente em História, excelente palestrante na área de religião, escritor do livro *Palavras sempre vivas* e homem de caráter ilibado.

Professor Lucas Carvalho Sobreiro, graduado e magnífico professor de Física. Também tem grande conhecimento em outras áreas da Ciências da Natureza e em Matemática.

Professor Donizete Honório, brilhante historiador, tanto na questão acadêmica como na escola da vida. Esse guerreiro

José Carlos Vieira

sempre me trouxe muita inspiração e luz pelo seu saber, caráter e solidariedade.

São esses os grandes mestres que me trouxeram a vontade e o discernimento de que adquirir conhecimento salutar é a solução, e é o que tenho feito e o farei enquanto tiver lucidez e forças para fazê-lo.

Destaco também e agradeço à Editora Recanto das Letras o apoio na preparação e edição deste livro.

Professor José Carlos Vieira

Sumário



I. Caminhos do conhecimento	11
II. Tipos de conhecimento.....	17
II.I Senso comum ou popular.....	17
II.II Conhecimento filosófico	20
II.III Conhecimento científico	24
II.IV Conhecimento teológico	32
III. Pensamento dos filósofos alerta contra a ignorância e o conhecimento como antídoto.....	37
IV. Crescimento exponencial da ignorância	47
V. A ignorância da vacina da Covid-19 no Brasil	57
VI. Literatura abrindo os olhos.....	61
VII. Diferença entre informação e conhecimento	65
VIII. Tecnologia para todos?.....	69
IX. Inteligência artificial	73

X. Novos paradigmas.....	77
XI. Diálogo entre o conhecimento e a tecnologia.....	85
Apêndice I. Fatores que implicam no desperdício de alimentos.....	97
Apêndice II. Escola escolástica.....	99
Apêndice III. Diferença entre helenismo, judaísmo e cristianismo	101
Apêndice IV. Ética no conhecimento.....	103
Apêndice V. Pensamento crítico.....	107
Apêndice VI. A vacina chegou!.....	111
Conclusão	115
Bibliografia.....	117



Caminhos do conhecimento

Ninguém nasce sabendo!

Certamente, essa frase é do conhecimento de muitos e é aí que surge a necessidade de entendermos as transmutações a serem seguidas até que se consiga o conhecimento adequado para que se possa cultivar o bem e semeá-lo.

O Profeta Conhecimento traz à tona as dificuldades e os processos de busca de caminhos para o bem, desde que esteja atrelado a um caráter ímpar.

O conhecimento tem que buscar valores morais e éticos, e atitudes que estejam fortemente conectadas a uma sólida consolidação do saber.

Nem todos podem buscar esse conhecimento áureo, mas todos podem ter um caráter íntegro que faça o valor real do ser e o afaste da ignorância.

No processo de transmutações vamos equacionar de forma cronológica.

Quando crianças estamos submetidos às condutas, crenças, ordens e tudo mais que vêm dos adultos.

No mundo contemporâneo, a escola, não para todos, é verdade, entra em cena e também ocupa papel fundamental na construção do caráter e personalidade, e na busca do conhecimento. Todos devem vir acompanhados da credibilidade desses valores.

O que representa um coelhinho para uma criança? Com certeza tem o mesmo significado de um leão, antes de esse leão dar o primeiro rugido e amedrontar a criança.

Esse exemplo supracitado, assim como existem muitos outros, discorre bem sobre a inocência e a falta de discernimento da criança, com o último surgindo somente diante da presença do medo.

Quando adolescentes, fase que marca a transição da infância para a idade adulta, temos diversas mudanças nos níveis físico, mental e social. Tudo costuma ser uma avalanche de dúvidas e transformações.

Em função do grau de certeza que colocam em seu viver, uma sensação de onipotência é própria dos adolescentes. Dentro do ciclo de amizades, exceto aqueles que são mais introvertidos, sentem-se “potentes” para fazerem aquilo que seus colegas fazem, mesmo que isso custe dissabores a si e aos responsáveis por eles.

O ego da adolescência sofre mutações, principalmente porque ele sai da zona de conforto da fase de criança e depara-se com as transformações do próprio corpo, as dificuldades de aceitação, e tem como mira os pais, tanto no que se refere a questionamentos como em relação a críticas.

O conhecimento é fonte de vida

Os pais, juntamente à escola, têm que buscar focar os adolescentes, e o prazer da leitura trazendo virtuosidade tem como objetivo maior mostrar-lhes que eles acharam um caminho que irá torná-los cidadãos detentores de valores, civilidade e respeito.

Tendo a perseverança de seguir o caminho do conhecimento, juntamente construindo-se um bom caráter, esse é um parâmetro fundamental que irá levá-lo à maneira de agir e pensar com foco nas carências sociais e no respeito à liberdade de cada um.

A busca do caminho do conhecimento é originária da educação e da escolarização. A primeira tem que partir do seio familiar, edificando um caráter com base em boas atitudes e hábitos no cotidiano; a segunda está correlacionada à aprendizagem, que se trata de um processo de mudanças de comportamento obtidas por meio das experiências construtivas. Nesse sentido, o conhecimento leva a novos horizontes, debates e criatividade dos aprendizes.

A escolarização não leva a uma formação isolada do conhecimento, pois nesse processo temos a incorporação de algumas etapas que formam o todo. São elas:

- a) Domínio cognitivo: ligado a conhecimentos, informações e intelectualidade.
- b) Domínio afetivo: permite sentimentos, emoções, atitudes e hábitos.
- c) Domínio psicomotor: busca a coordenação muscular.

Como podemos ver, o conhecimento, até que seja buscado, trata-se de uma tarefa diária, passa e sofre a influência de muitos fatores que, se desestabilizados, dificultam e, muitas

vezes, bloqueiam a importância do conhecimento para si e para a sociedade.

Quando se atinge a fase da idade adulta, dando sequência ao valor do conhecimento, certamente o indivíduo sentir-se-á mais forte para contribuir com a formação de uma geração mais solidária e humana, buscando mais qualidade do que quantidade e ciente de que valores e princípios têm que ser preservados e compartilhados, sendo que as palavras-chaves são: “conhecimento com bom caráter”.

Concluído que o somatório de virtudes e defeitos de um indivíduo é o que irá deixar transparentes o seu caráter, vamos agora convocar o profeta conhecimento a fim de que possa travar uma batalha com a ignorância. Na verdade, são diversas “batalhas” que esse binômio tem travado desde o início dos tempos.

Se, por um lado, o conhecimento visa agregar as pessoas ao redor de caminhos sábios em busca de valores equânimes e transparentes, por outro lado temos a ignorância, que busca distorcer e esconder as verdades, agindo com maldade e irresponsabilidade.

O leitor, neste primeiro momento, terá a oportunidade de refletir e fortalecer-se contra um mal que cada vez mais tem se impregnado na mente humana e que, muitas vezes, causa danos irreparáveis: a ignorância.

Ler, informar-se corretamente, participar com sabedoria e compartilhar conhecimento fortalece a cultura, diminui as desigualdades e torna a vida mais justa.

Ser justo não é ser bom e tampouco cumprir normas, muito embora ambos estejam inseridos no conceito de justiça. Ser justo é proceder segundo a equidade, ser probo, reto e

O conhecimento é fonte de vida

íntegro. Pagar impostos, ser diplomata, trabalhar e outros são parâmetros importantes e factíveis, mas não definem o fato de ser justo.

Um exemplo claro de injustiça e irresponsabilidade é uma pessoa que, julgando-se honesta porque cumpre inúmeras formalidades exigidas pela sociedade, desafia e descumpre as exigências das prevenções contra, por exemplo, a pandemia da Covid-19. Quem age dessa forma está sendo irresponsável e injusto para com os outros.

O conhecimento não se atrela somente à bagagem oriunda dos bancos acadêmicos. Ele necessita de berço e de pluralidade de ações humanas em prol do bem.

O que se espera, porém, é incerto, e é que as futuras gerações possam formar um elo entre a tecnologia avassaladora que se instaura no planeta e o que restar da sensibilidade e da racionalidade de modo que os percalços oriundos da insensatez humana sejam combatidos com a luz do conhecimento e a voz da sabedoria.

Cultivar a busca do conhecimento é uma ferramenta que sempre traz esperança e cria perspectivas de que a humanidade sempre lutará contra a real possibilidade de vir a sucumbir. Daí acreditarmos que a fonte da vida de onde brota o conhecimento tem que ser preservada e defendida com todas as forças.

Você verá, no decorrer desta obra, que se trata da luta do “Davi” contra o “Golias”, mas é preciso acreditar, ter atitude e seguir o caminho do antídoto contra o mal: o conhecimento, no sentido literal da palavra tal qual dissertamos nos parágrafos anteriores.

A edificação do conhecimento é morosa e, atrelada a um processo de ação, remete-nos a uma gama cada vez maior de

embasamento teórico e total imparcialidade. É de suma importância que o estudioso não seja subjetivo na conclusão das respostas sem grande margem de erro. Durante essa trajetória, o homem desenvolve seu pensamento crítico, fortalece a intelectualidade e contribui com atos que fortalecem para o desenvolvimento de necessidades prementes da humanidade.

Surge, aí, a importância de preservar a coesão do pensamento e do conhecimento interdisciplinar (forma pedagógica que busca, direcionando para um significado único, os acontecimentos correlacionados aos territórios do saber, procurando uma unificação sólida do conhecimento. Com a interdisciplinaridade consegue-se uma postura mais crítica, discernindo-se a verdade na qual se está inserido) que, na sociedade contemporânea, crescem e se fortalecem, passando a compartilhar inúmeros campos do saber como se fossem uma “teia” conectando a tudo e a todos, criando um novo modelo de aprendizagem baseado na solidificação da humanização e na transmissão de conhecimentos, que traga a realidade social em toda sua plenitude, com a visão dos inúmeros pontos de estrangulamento que têm sido uma mesmice nas sociedades de todas as gerações.

O conhecimento somente será construtivo se os intelectuais se unirem em prol de causas que levem a humanidade a um despertar para o fortalecimento dos prazeres pela leitura, compartilhamento de ideias em todos os campos disciplinares e humanização no sentido amplo da palavra.

O mundo contemporâneo exige cada vez mais de tudo e sofre transformações numa velocidade espantosa, mas ainda é permitido ao conhecimento um fluxo contínuo tal qual o “pantarei” (tudo está em fluxo) defendido por Heráclito.

II

Tipos de conhecimento

I. Senso comum ou popular

II. Científico

III. Filosófico

IV. Teológico

II.1 Senso comum ou popular

Inicialmente, vou dissertar sobre o binômio senso comum e conhecimento científico.

Não é nenhuma heresia afirmarmos que, muitas vezes, o senso comum é o ponto de origem para muitas descobertas científicas.

Eu me lembro de que tinha fortes dores de estômago quando criança e com a precariedade de medicamentos da época, minha mãe fervia umas ervas, colocava um pouco de sal, eu tomava e a dor sumia. Outro exemplo é quando meu pai dizia:

“Aqueles flores no barranco só aparecem quando o ano vai ser de muita chuva”, e isso realmente acontecia.

Os casos relacionados, assim como muitos outros, mostram como o senso comum pode trazer verdades. Acontece, contudo, que pode também trazer coisas ruins e isso está cada vez mais presente no nosso cotidiano, com mentiras proliferando por meio da mídia, jornais, redes sociais e outros.

O conhecimento científico, por sua vez, busca descobrir o porquê das coisas e a solução.

No caso das afirmativas do senso comum, que muitas vezes estão certas, cabe à ciência decifrar o enigma das crenças populares.

Evidentemente, a intenção aqui não é vangloriar aqueles que usam o senso comum para divulgarem mentiras e vulgaridades. Na verdade, o que se busca são as riquezas do conhecimento e que elas formem um elo de ligação, passando de geração para geração, para que verdades se fortaleçam tanto no senso comum como na ciência, e que o bem seja para todos.

Correto ou não, aqui cabem reflexões: o senso comum não deve ser desprezado. Não existe verdade que não seja contestada, porém, quando coisas do senso comum, mesmo sem confirmação científica, trazem consenso, eis que vale a pena verificar.

O conhecimento científico é construído a partir do empirismo (experimento e procedimentos de verificação). Aristóteles, brilhante filósofo grego durante o período clássico, na Grécia Antiga, discípulo de Platão e professor de Alexandre, o Grande, diferentemente de Platão, que considerava somente o conhecimento intelectual da verdade obtido por meio de essências puras, passou a considerar o conhecimento empírico.

O conhecimento é fonte de vida

Dentre os legados deixados por Aristóteles está a valorização do conhecimento prático sobre o mundo e, segundo ele, metafísica, lógica, empirismo, ética e outros pontos eram chaves no desenvolvimento do conhecimento.

Voltando à ideia central deste capítulo, mostramos que o senso comum não é totalmente ruim e, embora remeta as pessoas, muitas vezes, para uma areia movediça de inverdades (as redes sociais são exemplos disso), também traz verdades em parte desconhecidas. Já a ciência baseia-se na observação e na generalização.

O senso comum não faz um processo cuidadoso de generalização e, devido a isso, por serem ideias mais individualistas, muitas vezes acaba sendo prejudicial e/ou ignorado.

Dentro desse contexto é de bom grado afirmar que o pensamento crítico é o caminho ideal para que não se perca o valor do senso comum e que, a partir daí, tenhamos uma aproximação amistosa entre o conhecimento científico e o senso comum.

A não sistematização do senso comum difere-o do conhecimento científico, mas ambos precisam andar de mãos dadas porque o conhecimento científico, muitas vezes, bebe na fonte do senso comum.

A humanidade não pode desprezar a possibilidade de verdades existentes no senso comum, mesmo porque, no conhecimento científico também não se tem 100% de certeza naquilo que passou pelo empirismo e, no fluxo das coisas, podem surgir outros caminhos diferentes que, muitas vezes, superarão o caminho seguido anteriormente, e a sua não aceitação irá abalar a sua capacidade de superação.

Reverenciemos coisas positivas oriundas do senso comum e saibamos que só o conhecimento nos levará a ter êxito nessa

empreitada. Reflita, pense criticamente, respeite, fortaleça a corrente do bem. Assim, pode-se diminuir o vazio que a sociedade traz em suas deficiências e desigualdades.

O assunto é amplo e complexo, mas vamos aqui enfatizar que o senso comum é o conjunto de crenças, costumes e hábitos herdados de gerações e mais gerações; ele traz fundamentos que devem ser submetidos a critérios e, várias vezes, não devem ser descartados. Quando a ciência faz uso do empirismo para comprobabilidade de verdades do senso comum eis que, sendo ele comprovado, passa a ser conhecimento científico.

A relatividade do senso comum não afasta a possibilidade, embora existam controvérsias na consolidação de verdades.

É fundamental deixar claro que o conhecimento científico vai muito além do senso, pois se preocupa não só com os efeitos, mas, principalmente, com as causas e leis que o motivaram. Trata-se de uma procura contínua de construção, em que não existem o pronto e o definitivo.

II.II Conhecimento filosófico

É um conhecimento fundamentado na lógica e na construção ou definição de conceitos. O conhecimento oriundo da Filosofia é um modo de interpretação da realidade que se diferencia de outras formas de conhecer.

Vamos aqui também tratar do conhecimento filosófico e científico conjuntamente.

Iniciamos com a questão da causalidade, analisando o fenômeno efeito x causa. Para fazer essa análise temos que retroagir em busca do elemento inicial que estaria contido em todas as coisas.

O conhecimento é fonte de vida

Cada filósofo pré-socrático partia de elementos iniciais diferentes: ora água, ora ar, ora fogo, e outros... Esses pensamentos, de forma alguma, eram prejudiciais. Na verdade, traziam questionamentos e a busca do conhecimento se fortalecia e tornava-se mais benéfica à luta pelo aprendizado. Tales de Mileto foi o pioneiro.

Já no período pós-socrático surge o brilhantismo de Aristóteles que, dentre vários pontos, caminha para as ciências naturais e empirismo, sendo o primeiro a inserir a interação do conhecimento filosófico com o conhecimento científico (pós-socrático).

Dentro do contexto das ciências naturais comunga-se com o pensamento de Heráclito de que tudo está em fluxo, e Aristóteles, inserindo as ciências naturais na Filosofia, deixa claro que o conhecimento se fortalece e caminha continuamente, protegendo-se pelo uso da Filosofia e das ciências naturais.

Uma correlação importante entre o pensamento racional de Aristóteles e o conhecimento científico parte do princípio do conceito de força motriz defendido pelo magnífico filósofo grego e que disserta sobre a existência. Vejamos: Aristóteles dizia: “Eu sou a causa do efeito de meus pais, meus pais são as causas do efeito de meus avós, meus avós são as causas do efeito de meus bisavós e, assim, sucessivamente...”.

O retrocesso referenciado chegará ao que Aristóteles chamou de força motriz, em que existirá apenas causa e, antes dela, não existirá efeito.

São Tomás de Aquino, seguidor das ideias de Aristóteles, afirmou que a força motriz de Aristóteles era Deus. Transportando a força motriz de Aristóteles para o conhecimento científico chegamos ao Big Bang (teoria cosmológica dominante sobre o

desenvolvimento inicial do universo. Os cosmólogos usam o termo “Big Bang” para se referir à ideia de que o universo estava originalmente muito quente e denso em algum tempo finito do passado), antes do qual nada existia.

Viajando pelos séculos não tem como dissociar Filosofia das ciências naturais, as quais formam corpo no empirismo. Um argumento forte para isso é que a Filosofia é um campo do conhecimento que estuda a existência humana e o saber por meio da análise racional.

O conhecimento filosófico procura fundamentar os processos do conhecimento científico por meio de uma retórica conceitual, embasada no entendimento e na lapidação dos métodos, e confirmação do valor do conhecimento científico.

Vamos considerar, historicamente, o valor da participação de grandes filósofos que estão sempre presentes no fortalecimento do conhecimento.

Platão, por exemplo, propõe a dialética em que o debate é fundamental e o mestre e o discípulo interagem e fazem daquela mesmice do monólogo algo insignificante, que é substituído pelo conhecimento de novas ideias, utilizando-se da Filosofia como instrumento da ciência.

Aristóteles, também sempre presente, mostra que a busca pelo conhecimento tem que ser uma habitualidade na procura do equilíbrio entre uma ideia e outra, de forma a abrandar a tendência “cega” por um único lado.

O conhecimento tem que ser uma virtude diária de forma que a pesquisa científica esteja sempre presente em fluxo. Para Aristóteles, a Filosofia deve estar de mãos dadas com a ciência de modo que conhecimentos têm que ser ampliados sempre.

O conhecimento é fonte de vida

Como esta obra visa trazer à tona a longevidade do conhecimento, buscando-o em épocas passadas, estamos trazendo filósofos cuja magnitude dos atos de pensar e conhecer é incontestável.

Friedrich Nietzsche, alemão, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor do século XIX, coloca em xeque a homogeneização da busca de se passar o conhecimento e afirma que isso afasta o gosto, até mesmo o dom individual de cada um.

Posto de forma sinóptica, o pensamento de Nietzsche, no que concerne ao tema supracitado, homogeneização do conhecimento, diz que a ciência precisa daqueles que moldaram seu conhecimento discutindo dúvidas e que não são tais quais robôs programados para cumprirem um ritual que não dá oportunidades de desenvolvimento de virtudes e de capacidades próprias.

A estagnação em função dos padrões a serem seguidos muitas vezes tira o ser de uma rota que, certamente, traria um desenvolvimento muito mais amplo ao indivíduo e à comunidade científica.

O conhecimento filosófico é capaz de criar caminhos para que a polidez da homogeneização saia do seu mundo pragmático e possa transmutar-se para os caminhos das possibilidades diferenciadas de cada indivíduo.

Tanto o conhecimento científico como a Filosofia não são dogmáticos, isto é, sempre existe o debate, e isso traz os problemas à tona, reforçando a busca do conhecimento de forma que o conjunto de ideias leve à proximidade maior e melhor possível no que tange ao encaminhamento das questões pautadas.

A Filosofia, nesse ponto e em outros, insere seu pensamento crítico de forma que se defina o caminho e que se associe

a fusão entre conhecimento filosófico e conhecimento científico, edificando-se atitudes e conceitos sólidos para que a sociedade seja menos negligente e imprudente.

Ficar no “braço de ferro” contra a ignorância é perda de tempo; tempo que pode ser otimizado para lapidar Filosofia, ciência e humanização.

II.III Conhecimento científico

É a busca sistemática do saber, a partir de informações verídicas, o que se dá de forma contínua.

Em sentido amplo, o conhecimento científico nasceu da necessidade de as pessoas quererem saber como as coisas funcionam, como os fatos se originam, como é formado certo objeto etc.

É inerente ao homem se perguntar sobre tudo e não se conformar sem que faça questionamentos.

Características do conhecimento científico:

- Sistematização
- Verificação
- Racionalidade
- Objetividade

Todas as características estão relacionadas à investigação metódica.

Feita essa introdução e como temos adotado na obra, até mesmo para que se possa manifestar no leitor a vontade de pesquisar temas diversos, vamos fluir por meio da história do

O conhecimento é fonte de vida

conhecimento científico de forma que se compreenda o quão é custoso, porém gratificante, andar pela estrada percorrida por alguns “gigantes” para que o conhecimento não fique estagnado.

Neste ponto é importante citar, dentre tantos acontecimentos, o caso real em que Ptolomeu, cientista grego que viveu em Alexandria, uma importante cidade do Egito, entre 90-168 d.C., baseando-se no sistema de Aristóteles, fez um sistema geométrico-numérico de acordo com tabelas de observações babilônicas (civilização fundada em 2300 a.C. e dissolvida em 539 a.C., às margens do Rio Eufrates, cujas ruínas encontram-se ao norte do centro atual de Hila, capital da província de Babil, no Iraque, situada a 100 Km ao sul de Bagdá) para descrever os movimentos do céu.

Observa-se que cada um, em épocas diferentes e já tendo rompido com o conhecimento mítico, apoiavam-se, e isso vai acontecer sempre no que precede.

Foi na Grécia Antiga que surgiu o pensamento científico, principalmente com o surgimento da Filosofia. Isso, no entanto, não implicou no abandono das crenças nos mitos e no sistema de religião, consolidando-se uma coexistência entre o mundo da crença nos mitos e nos deuses.

A partir do fim das guerras médicas (conflitos ocorridos durante o que chamamos de período clássico da Grécia Antiga. Esses conflitos envolveram gregos e persas, que disputavam o controle dos comércios marítimos e dos territórios) e da mudança da sede da Liga de Delos (liga militar que tinha como objetivo a defesa das cidades gregas de um ataque Persa) para Atenas, concentraram-se o poder e a estabilidade e viabilizou-se um fantástico crescimento cultural, abrindo portas para novas áreas do conhecimento.

Dentro desse contexto vivia-se o que se chamava de doxa (senso comum/opinião) e de episteme (discurso racional/conhecimento científico). Poder-se-ia perguntar: por que a Grécia Antiga surge como berço do conhecimento? Somente por causa da Filosofia? Diríamos que não, e como exemplo podemos citar a ciência Matemática, oriunda de tempos mais remotos, mas que teve sua aplicabilidade científica somente na Grécia Antiga.

Vamos, aqui, também alinhar alguns filósofos, pois eles trazem a essência do saber com o conhecimento.

Tales de Mileto – filósofo matemático com caráter investigativo de cientista, não elaborava grandes princípios. O seu gosto e curiosidade pela observação dos astros faziam dele um defensor de conceitos importantes.

O mais importante para Tales de Mileto era que a água era o elemento primordial, mas uma água que não se limitasse somente ao elemento, estendendo-se por todas as coisas. A água, para Tales, era tudo, em que tudo era vida e alma.

No seio dos conhecimentos e conceitos de Tales estão inseridos os conceitos científicos.

Pitágoras – inicia uma elevação da metafísica (o que está além da física e busca uma compreensão da essência das coisas), do que faz as coisas serem como são.

Viver na metafísica faz de Pitágoras um ser diferenciado, que não se dobra diante da ciência mundana. Acontece, contudo, que ele afirma também que tudo segue uma ordem numérica, e centraliza a essência nos números dando, assim, a ideia do seu caráter estudioso e científico.

Pitágoras, trazendo a ideia de ordem perfeita, traz a aceitação do cosmo e de ciência que, para ser ciência, temos que ordenar fases, descobertas e buscas.

O conhecimento é *fonte de vida*

Seguindo adiante, pois com a ciência começando a dar algum sinal de sua necessidade e real existência para que o conhecimento científico vá, mesmo que em passos lentos, em frente, vamos pincelar a sua caminhada pela época medieval.

Antes, porém, vamos nos redimir da heresia de estarmos nos esquecendo de apresentar algo de relevante importância, mesmo que de forma resumida: os graus de conhecimento e as divisões da ciência segundo Aristóteles (isso antecede o medieval).

Uma afirmativa bastante enfática de Aristóteles é: “Todos os homens, por natureza, aspiram ao saber. Sintoma disso é a estima dos sentidos. Pois, mesmo à parte, sua utilidade, são estimados por si mesmo”.

Segundo Aristóteles, o mais decisivo para o conhecimento é a busca das causas e origens da realidade como um fim em si mesmo.

Aristóteles classifica as ciências em:

- Práticas: quando se usa o saber para uma atitude ou buscando fins morais.
- Produtivas: buscam materializar alguns utensílios a partir da matéria-prima.
- Teoréticas: buscam o saber pelo saber, independentemente de um fim ou utilidade.

A ideia de Aristóteles levou-o a concluir que partindo da sistematização e da hierarquização é que se poderia buscar o entendimento do simples ao infinito, do grão de areia ao cosmo.

Feita a citação sobre o magnífico Aristóteles no que concerne ao conhecimento, vamos retornar à questão do conhecimento científico no medieval.

Do século V ao IX (baixa Idade Média) e X ao XV (alta Idade Média) temos o nascimento de Santo Agostinho, numa mistura de helenismo, judaísmo e cristianismo.

Segundo Santo Agostinho, o conhecimento se dá em três patamares:

- O conhecimento sensível (existir).
- A sensação (viver).
- A razão ou ciência (pensar).

Conhecida como a Idade das Trevas, existia muita restrição ao conhecimento (o científico está inserido aí). A Igreja Católica temia que o conhecimento chegasse às pessoas e por meio dele elas se fortalecessem em sua consciência de direitos e de livre expressão. A Igreja, então, criava fortes barreiras diante do perigo que a ciência poderia trazer para o seu domínio.

Existe uma interação entre a fé e a razão na Idade Média, com uma hierarquia: primeiro a fé e, depois, a razão. Pode-se, aqui, destacar a afirmativa de Santo Agostinho de que o conhecimento ocorre no interior do ser, elevado por Deus.

Durante oito séculos o conhecimento científico ficou à mercê da resignação, da intuição e da revelação divina. Passado esse período chegou-se a novos tempos, em que os alicerces citados foram praticamente varridos e outro norte foi tomado, sendo que São Tomás de Aquino (frade católico italiano, da ordem dos pregadores, cujas obras tiveram enorme influência na teologia e na Filosofia, principalmente na tradição conhecida como Escolástica – vide apêndice –, e que, por isso, é conhecido como Doctor Universalis) mirou-se em Aristóteles para

O conhecimento é fonte de vida

construir uma nova forma de disseminar o conhecimento científico no medievo, vindo a ser considerado o grande nome da Filosofia escolástica, cujo objetivo foi privilegiar a razão e a vontade humana.

São Tomás de Aquino, contrapondo Santo Agostinho, que se sustentava na doutrina platônica, formulou uma forte ligação da fé cristã com o pensamento Aristotélico.

Na área do conhecimento foi o nascimento das universidades. A Igreja, no entanto, continuava resistente e até o final da Idade Média muitas restrições existiam com relação à maneira de São Tomás de Aquino agir, baseado em Aristóteles, de forma que a Igreja se sentia incomodada e, pensar tal qual Aristóteles, para os cristãos, era uma heresia na época. São Tomás de Aquino aceitou esse desafio.

O pragmatismo dogmático trazido por Platão até Santo Agostinho passou a ser paulatinamente substituído pelo pensamento de Aristóteles, sendo incorporado por São Tomás de Aquino. Este trabalha uma lei divina, mas também o direito natural para todos, fortalecendo a liberdade da busca de conhecimento, não ficando somente atrelado à doutrinação da Igreja.

A verdade é que até o século XV, a visão que se tinha da natureza era grande parte influenciada pela Física e pela Metafísica de Aristóteles. Trabalhava-se com a função e a correspondência entre fenômenos celestes e terrestres. Havia uma visão da natureza em conjunto.

A discordância entre o pensamento de Aristóteles depois de incorporado por São Tomás de Aquino no que concerne à ciência e à Igreja Cristã é de que o primeiro tinha o mundo

como eterno em si mesmo, porém, o cristianismo defendia que o mundo havia sido criado por Deus, do nada, sendo, assim, cronologicamente finito e não eterno.

Podemos agora adentrar na ciência na Idade Moderna, que uniu o método de observação ao empirismo (experimentação), com o uso de tecnologia (telescópios, microscópios e outros), o que teve início na Europa do século XVI.

Com o advento da Idade Moderna ocorre o renascimento científico, no qual vários caminhos do conhecimento (astronomia, física e medicina) avançaram.

Lançando mão dos experimentos e observações, a ciência da época buscava novos paradigmas e, praticamente, rompia com o monopólio de conhecimento exercido pela Igreja na alta e baixa Idade Média. Como exemplo podemos citar a teoria heliocêntrica (coloca o Sol estacionário no centro do universo e em torno dele giram os planetas, que giram em torno de si mesmos), de Copérnico (um dos pais da astronomia moderna, nasceu em Tourum, na Polônia).

Logo a seguir, Galileu Galilei (físico, matemático, astrônomo e filósofo florentino, nascido em Pisa, na Itália) comprovou, por meio de cálculos e do uso de um telescópio, ser verdadeira a tese de Copérnico.

Nas ciências médicas houve descobertas incríveis na dissecação de cadáveres para “conhecimento” da anatomia humana. E o desenvolvimento de novas formas de ver as Artes também tem que ser exaltado aqui.

Os cientistas, no entanto, esbarravam no “Tribunal da Santa Inquisição”, que foi formado por um grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, em

O conhecimento é fonte de vida

que o objetivo era combater a heresia, a blasfêmia, a bruxaria e os costumes adversos aos da Igreja.

Após, aproximadamente, 300 anos, foi extinto o Tribunal da Santa Inquisição que, em seu auge, nos séculos XVI e XVII, estima-se que matou em torno de 100.000 pessoas, entre crianças, homens e mulheres.

No início do século XIX (após 300 anos), já o dissemos anteriormente, exceto nos locais pontifícios (locais de papas), a Santa Inquisição saiu de cena.

Continuando, eis que, em 1789, Revolução Francesa, com a queda da Bastilha (foi o assalto popular à Bastilha, antiga prisão da opressão do antigo regime francês), até os dias atuais, surgiu a Idade Contemporânea.

Teríamos muitos exemplos para citar do crescimento da ciência na Idade Contemporânea, e como certeza, até que surja uma nova classificação, continuaremos tendo, vamos citar a Física Moderna.

Entre eles podemos citar aqueles que nos forneceram uma compreensão mais profunda sobre a estrutura da matéria e dos átomos e também sobre a natureza da luz. Isso levou ao conhecimento da radioatividade, à dualidade da luz (onda ou partícula), à relatividade e muitas outras descobertas que fornecem valiosas explicações para diversos fenômenos físicos que eram, até então, incompreendidos.

Concluimos que tudo é dinâmico e, com essa sinopse do conhecimento científico dentro das épocas distintas, procuramos despertar nos leitores o quanto é importante persistência para seguir pelo trajeto do “conhecimento”, mas, principalmente, o quanto é necessário conhecer para se afastar cada vez mais da ignorância.

O conhecimento filosófico e o científico se juntam no binômio: “aprender a pensar X execução do que se absorvem do aprendizado de pensar”.

II.IV Conhecimento teológico

Baseia-se na fé religiosa. Assim, acredita-se que a religião é verdade absoluta e possui todas as explicações para os mistérios que cercam a mente humana, tendo por principal crer, de forma dogmática, na criação do mundo e de todos os seres. A crença é de que tudo é obra de um ser divino, espiritual, sobrenatural, transcendente, que está num plano superior.

Particularmente, creio em Deus e coloco-O acima de tudo, mas também não sou descrente da teoria do Big Bang (teoria cosmológica dominante sobre o desenvolvimento inicial do universo), mesmo porque tenho comigo que Deus antecede ao tempo e à ciência e isso, por si só, traduz a Sua onipotência, onisciência e onipresença.

Essas virtudes do criador não fazem dele o responsável pelos erros humanos, até porque Ele nos deu tudo e os sentimentos de ambição, inveja e outros males foram criados pela “irracionalidade” do homem. Como assim? O homem não é irracional. No sentido literal da palavra, muitas vezes, é.

Aqui, para ilustrar, vou citar o Deus visto por Spinoza (filósofo da Modernidade que, por ver Deus de outra forma, teve que fugir da Santa Inquisição e foi excomungado pela Igreja Judaica e Igreja Católica).

O conhecimento trazido por Spinoza em sua obra *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* traz Deus como ponto de

O conhecimento é fonte de vida

partida para explicar as outras coisas. O pensamento de Spinoza contesta o conhecimento teológico, mas isso não faz dele um ateu visto que ele afirma: “Tudo está contido em Deus”.

Spinoza, de todas as acusações que recebeu, a mais injusta foi a de ser ateu. Ele era um ser embriagado de Deus. Sempre ratificou que seguia as religiões no princípio do amor e da obediência e as considerava necessárias, porém recusava o antropomorfismo (visão do mundo ou doutrina filosófica que, perseguindo a compreensão da realidade em fluxo, atribuiu características e comportamentos típicos da condição humana às inanimadas formas da natureza ou aos seres vivos irracionais).

Como se vê – e nos dias atuais também é assim –, Spinoza, assim como outros que fogem aos dogmas teológicos e sociológicos, são renegados e sofrem mais para que possam levar adiante sua maneira de pensar e seus conhecimentos.

O conhecimento teológico não é um mal de forma alguma, mas não admite ou não quer admitir que o homem possa ver Deus de uma forma que não sejam os dogmas da religiosidade, isto é: temos que viver em atividade religiosa, dedicarmos e crer na religião. A sociedade sempre irá, mesquinhamente, conflitar com aquele que não tem religiosidade.

Eu penso que se Deus não existisse tudo seria permitido. E se tudo fosse permitido a vida não teria sentido.

Acontece, entretanto, que o conhecimento teológico não nos leva a Deus porque Deus já está dentro de nós e nós estamos contidos em Deus. Digo que o conhecimento teológico pode lapidar a existência de Deus.

Conclusão: o conhecimento teológico é necessário ou temos que nos alienar?

O mundo precisa ter um coração e o valor da vida está contido no conhecimento teológico, desde que este não seja oportunista. Cabe a você refletir e fazer das suas opções algo que sirva de norte, e que você seja imparcial em suas análises, condutas e sensibilidades ou razão.

Nesta rápida viagem pelos tipos de conhecimento – senso comum, científico, filosófico e teológico –, nada tem sentido se o trinômio caráter construidor do bem x verdade x honestidade não estiver presente.

Isso posto, como a competitividade desleal, o poder e a alienação são alguns dos muitos pontos fracos da humanidade, faz-se necessária a busca cotidiana e incansável da construção de grupos pensantes e atuantes que criem novos paradigmas e que estes atinjam o grau de distinção entre o saber salutar, o saber oportunista e a ignorância maldosa.

Fazer somente a nossa parte parece-me que está sendo insuficiente e isso nos impulsiona para dobrarmos nossas forças com o objetivo maior de dar visão aos que estão cegos, encorajar os que estão omissos e impulsionar os que já estão na luta, mas estão fraquejando.

Profeta conhecimento, rogo-lhe que mantenha suas raízes fortes e que os frutos oriundos da frondosa árvore do saber que é, possam ser sadios e, dessa maneira, saciarem a vontade, o espírito e a mente dos que te procuram para sedimentarem o bem e fixarem o legado de uma vida digna e de união; uma vida humanista e igualitária; uma vida próspera e de sensibilidade... Enfim, uma vida que seja vida e não um mar de torturas, fraquezas e sem sentido algum.

O conhecimento é fonte de vida

Conhecimento é o profeta que pode discernir e conduzir-nos à luz que nos guia pelos caminhos tortuosos, mas possíveis de serem transpostos.

És tu a única linguagem pura e rica de amor pela superação. Tu, profeta conhecimento, és o bom filho, isto é, aquele que vê os erros no pai e busca corrigi-los. Se contrário fosse e ficasses em silêncio, apenas condenando, serias um mau filho.

Quando desconhecemos, apesar de lutarmos para conhecer, e permitimo-nos buscar liberdade intelectual, avançamos e compartilhamos, levando aos demais a capacidade de se tornarem críticos, justos e não doutrinados.

Você pode observar que ao estudar os tipos de conhecimento nós não temos atropelo de um contra o outro, isto é, cada um traz a sua contribuição e eles acabam se complementando de modo que, no conjunto, fecham um somatório de coisas ricas que podem agregar aprendizado, sabedoria e luz, para que possamos avançar em prol da vida e criar situações que viabilizem novos horizontes e façam com que a humanidade possa caminhar para fora da mesmice no sentido de que sejam buscados, cotidianamente, valores éticos, princípios e, principalmente, uma dignidade de vida para um universo de pessoas cada vez maior.

Os que podem, mesmo que à custa de muito sacrifício, estudar e/ou ler, têm papel fundamental em compartilhar as verdades por meio do conhecimento acompanhado de humanismo, autoestima e superação.

O mundo pode até não querer, mas você é um soldado a favor da vida e pertence a uma “elite intelectual”; elite não no sentido de arrogância e nem de ser melhor do que os outros, e, sim, no sentido de aumentar o contingente daqueles que podem pensar criticamente e semear o bem.

A vida tem caminhos e segui-los é responsabilidade nossa. A humanidade vive hierarquizada e nem tudo são flores. Na fonte da vida colhemos dificuldades, competições e mudanças, e também colhemos “conhecimento”.

Nesse emaranhado de adversidades uma coisa é certa: as diferentes condições sociopolíticas e econômicas fazem com que grande parte da população mundial não tenha acesso à parte mais necessária da fonte “conhecimento”.

Buscar o conhecimento pelo lado do bem é, guardadas as proporções, tal qual buscar o ar. O primeiro é para dar sobrevida às verdades e, por conseguinte, reduzirmos as maldades e as covardias das *fake news*; e o segundo é para nos manter vivos fisicamente neste planeta, que já foi chamado de “planeta azul”.

Como matemático, físico e especialista em Política de Gestão em Saúde, com certificado em Filosofia Essencial, aprendi que tudo requer interdisciplinaridade a fim de que o conhecimento possa ser formado pelas artérias que levam vida ao Universo.

Cada ser humano, dentro das suas possibilidades, pode buscá-lo e ajudar na conquista de formas para amenizar o sofrimento e vivermos com justiça.

